

---

## Introdução

# Eles estão entre nós

*“Grandes realizações são possíveis quando se dá importância aos pequenos começos”.*

— Lao-Tsé

**E**sta obra tem como objetivo reunir a casuística e a história dos UFOs baseada na pesquisa brasileira. Inicialmente, procurou-se demonstrar como o fenômeno foi visto no passado por nossos ancestrais – os índios e portugueses – através das lendas e mitos do folclore, já que 90% da população brasileira ainda insiste em denominar os avistamentos como sendo a Mãe do Ouro, o Boitatá, a Mulher de Branco, entre outros, especialmente nas zonas rurais, onde é grande o desconhecimento do fenômeno. Infelizmente, a divulgação do tema pela imprensa falada, escrita e televisada é feita de maneira não condizente com a realidade brasileira, pois mostra apenas os contatos mais sensacionalistas, em especial aqueles em que os contatados se dizem possuidores de poderes paranormais. Daí o público, geralmente, passa a ver o fenômeno de forma distinta do que realmente ocorre em nosso cotidiano.

Em seguida, no capítulo 2, é apresentada a casuística ufológica do município de Passa Tempo (MG), foco de pesquisas por parte deste autor há mais de 35 anos. Nesta parte da obra o leitor poderá conhecer os diversos contatos de primeiro, segundo e terceiro grau ocorridos na região, cujas similaridades são encontradas em todo o país e até no exterior. Os contatos de 3º grau são destaque no terceiro capítulo do livro. O capítulo 4, por sua vez, abrangerá as lendas de deuses que “desceram dos céus e conviveram com alguns povos

primitivos” – segundo os índios locais –, ensinando-lhes uma maneira melhor de viver. Por fim, no último capítulo a obra tratará das sondas teleguiadas ou programadas, ou seja, engenhos controlados por alguma espécie de computador, de origem alienígena, dotado de equipamentos de gravação de imagens e sons, além de sensores especiais para pesquisas de minerais e vegetais em nosso planeta. Este trabalho será útil para todos aqueles que buscam na Úfologia uma explicação científica para os fatos que nos rodeiam.

## ■ Meus Contatos com UFOs

Lá pelos idos de 1952, em Passa Tempo, meu pai começou a manifestar interesse por UFOs, especialmente quando a antiga revista O Cruzeiro publicou matérias tratando do assunto. Tão logo aprendi a ler, comecei a estudar tudo que estava a minha volta. Foi então que, por intermédio de meu pai, tomei conhecimento do Fenômeno UFO. Desde aquela época ele comprava livros e revistas que tratavam do assunto, embora jamais tivéssemos visto uma nave até então. Todavia, no ano de 1957, algo inusitado aconteceu. Estava aprendendo a tocar violino e todas as noites ia para a varanda de minha casa executar alguns exercícios. Numa determinada data, meu pai achava-se debruçado sobre uma amurada da varanda, enquanto eu, de pé, tocava violino. De repente, gritou: “Olhe ali!” Dei um salto, debruçando-me sobre a amurada. Vi uma grande bola de fogo, de mais ou menos um metro de diâmetro, voando de oeste para leste, a baixa altura, atrás da igreja matriz. Tinha cor de fogo e soltava algumas fagulhas para trás. Devido a baixa altitude, descartamos a hipótese de ser um meteoro. Num vôo silencioso, o objeto foi em direção a uma elevação denominada Morro Grande, desaparecendo em seguida. Era nosso primeiro avistamento de um UFO.

Em 1970, outro fato inusitado aconteceu. Não me recordo o mês nem o dia, mas havia terminado de jantar e estava tomando café na cozinha da minha casa. A empregada, que se encontrava no quintal, gritou para que eu olhasse um objeto no céu. Cheguei à janela e vi um UFO de cor alaranjada, com uma cauda azulada. Corri para a sala e peguei uma câmera fotográfica. Na pracinha, muita gente avistava o objeto, inclusive meu pai. Então passei a fotografá-lo, disparando a câmera, sem poupar filme. Meu pai, vendo aquilo, correu até onde eu estava e disse-me: “Não há filme na câmera”.

Aquilo foi uma decepção para mim, pois seriam as melhores fotografias de UFOs que eu faria em minha vida. O intrigante objeto tinha o tamanho de uma bola de futebol e possuía uma cauda azulada, que se movimentava para cima e para baixo, voando de noroeste para sudeste. Desapareceu subitamente. Foi uma visão maravilhosa e não havia dúvida alguma quanto à possibilidade de se tratar de um engenho completamente desconhecido em nosso planeta. Depois deste incidente, o pessoal reuniu-se na praça para comentar o fato. Ao ligar a televisão, no Canal 4, antiga TV Itacolomi, em Belo Horizonte (MG), deu-se início a um noticiário extraordinário. O repórter comentava que um UFO fora visto em dezenas de cidades mineiras, muitas bem distantes de Passa Tempo. Possivelmente, era o mesmo que tínhamos observado minutos atrás.

Noutro episódio, numa determinada noite do mês de setembro de 1973, não havia eletricidade na cidade, então resolvi sair de casa com minha esposa. De repente, vimos uma nuvem de forma oval e esbranquiçada, com um círculo escuro no centro, voando na direção norte. Ela mantinha sua forma, sem se alterar. Pouco tempo depois, observamos vários pontos luminosos saírem daquela nuvem e partirem, céleres, em diversas direções. Em poucos minutos o UFO em forma de nuvem desapareceu. Era meu primeiro avistamento de uma nave-mãe. Noutra ocasião, numa manhã do mesmo ano, estava envolvido com a obra da minha casa e supervisionava o serviço dos pedreiros. Meu vizinho, senhor Raimundo Silva, acercou-se de mim e passamos a conversar. Num dado momento, ele olhou para o céu e exclamou: "Olhe aquilo lá em cima!" Ao olhar na direção indicada vi um objeto do tamanho de uma moeda que, ao chegar sobre nós, fez um ângulo reto e passou a voar na direção oeste. De repente, outro artefato surgiu, da mesma forma que o primeiro, fez um ângulo reto e voou no mesmo sentido. No total, nove objetos fizeram o mesmo trajeto, um atrás do outro, num intervalo de segundos, todos numa velocidade incrível. Eram UFOs, não havia dúvida alguma.

Em 24 de agosto de 1978, à 01:35 h, estava na pracinha da cidade quando o guarda do Banco Real, Ildeu Gonçalves, chamou-me para avistar algo no céu. Ele apontou-me o local e, num céu limpo de nuvens, vi algo brilhando. Expliquei ao guarda que era o planeta Vênus. Mas nesse momento ele gritou: "Olhe aquilo ali!" Ao olhar na direção apontada vi um UFO. Ele tinha o tamanho de um prato comum, de cor cinza opaco,

com algumas manchas escuras. Via-se apenas o seu fundo, como se fosse um disco. Voava silenciosamente e a uma velocidade moderada. Nesse momento, passei a gritar: “Olhem o disco voador”. Então, gerente, funcionários e clientes saíram às pressas do banco e puderam ver o objeto. Ele voou para a direção oeste, pairou por um tempo no espaço e voltou a pino sobre a cidade, mas numa altura bem superior. Desta vez tinha o tamanho de uma moeda. Pouco tempo depois desapareceu no céu. Muitas pessoas puderam apreciá-lo de várias partes da cidade e algumas delas chegaram a nos procurar para relatar o fato. Este avistamento marcou profundamente minha vida de ufólogo, pois todas as dúvidas que possuía sobre UFOS deixaram de existir. Ali estava a prova real de que eles estavam entre nós. E eu, que era apenas um leitor de publicações ufológicas, logo me transformaria num ufólogo de campo.

Após o contato, cheguei a me questionar: “Se tais objetos surgem tão intensamente durante o dia, imagine à noite?” Resolvi então comprar um caderno e procurar as pessoas da zona rural, com a intenção de lhes questionar se já tinham observado UFOS na região. A resposta era sempre negativa. Então passei a adotar outra forma de questionamento. Indagava aos moradores sobre o avistamento de algum fenômeno luminoso. Aí começaram a chover uma grande quantidade de relatos sobre luzes, bolas de fogo, assombrações etc. Senti que era no folclore da região que os UFOS estavam presentes. Eles falavam sobre a Mãe do Ouro, uma bola de fogo que voava sobre as serras. Sobre o Fantasma, um vulto branco que crescia em tamanho e altura. Sobre a Mulher de Branco, uma assombração que ascendia e desaparecia misteriosamente. E também sobre o Carro Fantasma, um veículo misterioso observado nas estradas secundárias do município.

Estava recordando as muitas histórias que eram contadas a meu pai e que eu ouvia quando criança, como se fossem assombrações. Colhi centenas de depoimentos que mostravam os UFOS sob o aspecto folclórico. Após esta fase, fui até a biblioteca da prefeitura, pesquisei livros sobre o folclore brasileiro e tratei de estudá-los. Foi então que pude encontrar dezenas de versões e nomes para os episódios, em todos os Estados brasileiros, que tinham relação com os mesmos fenômenos descritos no município de Passa Tempo. Só assim pude concretizar meus estudos sobre a relação entre UFOS e folclore, redigindo em seguida um

Arquivo UFO



**Mapa de Minas Gerais, Estado em que reside o autor e terra de folclore abundante. Grande maioria de seus mitos e lendas é originária da observação de naves extraterrestres e seus tripulantes por nossos antepassados, que criaram superstições para descrever o que viam e não entendiam**

livro sobre o assunto. Desta forma iniciei minha carreira de ufólogo e pesquisador de campo. Cheguei a realizar vigílias na região, período no qual pude manter dezenas de contatos de 1º grau. Numa destas jornadas noturnas, vi muitos UFOs, de diversos formatos, ou seja, bolas de fogo, semelhantes a meteoros, faróis etc. Mas a primeira vez que observei um UFO pousado à noite foi em 02 de outubro de 1978. Nesta data, estavam em minha companhia os jovens Edward, Gilberto Maia e doutor Ademar Rodrigues, no local denominado Primavera.

Ficamos até às 02:00 h da madrugada no topo de uma pequena elevação. Como inicialmente nada observamos, resolvemos voltar para a cidade. Já meio desanimado, para minha surpresa, ao descermos um morro vimos numa serra distante um clarão azulado, muito forte. Paramos o carro e passamos a observar o fenômeno. De repente, dele saiu uma luz avermelhada, que desceu em direção a um terreno, onde horas antes havia sido feita uma queimada. Pouco depois, outra luz avermelhada desceu em linha reta, sumindo atrás de

uma elevação. A seguir, vimos novamente uma luminosidade azulada sair do clarão e voar para o espaço. A primeira delas voou até a queimada e retornou numa velocidade espantosa. Não tivemos dúvida alguma de que se tratava de um UFO. Como ainda não tínhamos prática em vigílias, não podíamos localizar o lugar exato do pouso do objeto, já que a noite estava muito escura. Ficamos ali algum tempo, a observá-lo, mas os três rapazes que estavam comigo ficaram com medo, assim como eu, o que nos levou a voltar para a cidade, deixando o UFO no local inicial. No outro dia, retornei à região do avistamento, estacionando o carro no mesmo ponto da noite anterior. Localizei o lugar do pouso, denominado Volta Fria, próximo a uma mata. Fui até lá, mas não encontrei nenhuma marca na vegetação. Era uma localidade tida como mal-assombrada. Nas noites que se seguiram, fizemos vigílias e vimos por uma semana seguida uma sonda que surgia num mato próximo. No entanto, por se tratar de uma mata nativa, muito fechada, não havia condições de nela entrar, ainda mais em razão da existência de cascavéis.

Em 11 de outubro de 1978, às 22:00 h, tive outro contato, juntamente com meu pai, Maurílio Ferreira, Carlos Andrade e o motorista do carro, Zé. Desta vez, vi um UFO em forma de farol, amarelado, teleguiando uma sonda avermelhada, no fundo de uma gruta. A sonda surgiu na nossa frente, vinda da direção da Serra da Gurita. Atrás dela estava o UFO, que emitia uma luz que clareava a região na parte de baixo, sem que sua luminosidade se expandisse. Ambos pararam no fundo de uma gruta e, ali, a sonda passou a se movimentar em várias direções, sempre voltando para próximo do UFO. Após alguns minutos de observação, resolvi piscar os faróis do carro e as luzes se apagaram. No outro dia, fui ao local junto com meu pai e pudemos comprovar que as luzes estavam pairando por cima de um esbarrancado. Nesta região há mais de 100 anos são vistas luzes vagando à noite, segundo contam os moradores locais.

Noutra ocasião, em 30 de outubro de 1978, tive outro contato com uma sonda. Fiquei sabendo que iam queimar uma caieira de tijolos no local denominado Bangués e resolvi ir até lá, pois segundo os moradores rurais os UFOs são atraídos por queimadas e queimas de tijolos. Fui de motocicleta, já que o local era próximo da cidade. Conversei com os encarregados, que já estavam ateando fogo à caieira, para observarem atentamente os topos de serras. Mais tarde eu voltaria, pois estava de serviço no ginásio onde trabalhava como secretário. No momento em

que retornava à cidade, vi no alto de uma serra, próxima à estrada, um clarão amarelado. Parei a motocicleta e percebi que só poderia ser um UFO. De repente, uma luz avermelhada desceu serra abaixo, velozmente, parando no meio dela. Em seguida, surgiu uma luz no meio do clarão que, numa velocidade fantástica, veio até próximo à estrada. Ela aumentou de intensidade e emitiu um fecho luminoso que clareou toda a pista, podendo se ver até uma agulha, se esta fosse jogada ao chão. Quando percebi aquilo, entrei em pânico. Empurrei a moto morro abaixo, liguei-a e parti célere. Cerca de 100 m depois notei que o farol estava apagado. Cheguei ao ginásio e chamei outras pessoas para voltarem comigo àquela localidade. Mas desta vez, infelizmente, nada pudemos ver. Ali apenas havia um carro estacionado e alguns rapazes que também avistaram o UFO no topo da serra, mas de outro local e para ali seguiram.

No dia 23 de outubro de 1978, estava no pátio da Escola Nossa Senhora da Glória, juntamente com os senhores Célio de Resende Lara e Celso de Resende Lara, quando pudemos ver um UFO em forma de uma bola oval e esbranquiçada, com cerca de oito centímetros de diâmetro, voar numa velocidade fantástica, deixando um finíssimo rastro esbranquiçado no céu, que permaneceu inalterável durante alguns segundos. Esse avistamento deixou-nos boquiabertos, por causa da velocidade do engenho. Naquele ano, tivemos outros avistamentos, muitos deles no espaço e nos topos de serras, quase sempre em formas luminosas avermelhadas, amareladas e até azuladas. Já em 14 de junho de 1980, fui fazer uma vigília e segui de moto pela Rodovia MG-270. No caminho, encontrei o jovem Noé Resende, que ia para a fazenda de sua noiva e ofereci-lhe carona. Eram 19:00 h. Paramos no entroncamento da estrada que ia para a dita propriedade. Ali ficamos a observar o céu. De repente, vimos um clarão surgir numa serra.

Era como um grande leque esbranquiçado. Pouco a pouco aquilo foi subindo e tornou-se uma nuvem perfeitamente circular, com uma bola escura no centro. O objeto tinha mais de dois metros de diâmetro e logo me lembrei do avistamento de 1973. Era uma nave-mãe. Peguei a câmera e fiz algumas fotos rápidas. Na última, dei um tempo de exposição de quase três minutos, pois o filme era ASA 75. Aquele círculo voou na direção norte e logo desapareceu. Mandei revelar o filme em Belo Horizonte, pois onde residio não existia laboratório a cores naquele ano. Inexplicavelmente, recebi as fotos sem nenhuma cópia. Disseram que nada havia ali.

Procurei então um fotógrafo e tentamos reproduzir as imagens em preto e branco, mas apenas em uma das chapas conseguimos ver algo que se assemelhava ao avistamento de 1973. Era um UFO. Podia-se notar uma bola esbranquiçada, com um leque avermelhado à sua volta, tal qual um Sol surgindo por detrás de uma serra. Ali estava uma nave-mãe. Dias depois, comecei a receber correspondências de colegas do sul do país com reportagens sobre um UFO visto em 14 de junho de 1980. Era exatamente o mesmo que tinha visto. Pouco depois, recebemos uma carta da Argentina com alguns recortes de jornais e imagens do mesmo objeto. E assim ficamos sabendo que ele tinha sido observado em diversos Estados do sul do Brasil, como também no Chile, Uruguai e Argentina. Tempos depois, a revista Manchete publicou uma reportagem sobre a aparição desse mesmo engenho, porém fotografado na Rússia. Estávamos diante de um avistamento internacional. Nos dias que se seguiram, houve uma grande incidência ufológica nos países citados, especialmente na Argentina e sul do Brasil.

Na década de 80, observei outra nave-mãe. Desta vez, o engenho era semelhante a uma bola de fogo, com uma grande cauda, da qual saíam alguns pontos luminosos para várias direções. Eu estava na pracinha da cidade conversando com alguns amigos quando o objeto surgiu. A princípio, pensei que fosse um avião, mas quando percebi que se tratava de uma nave fiquei sem saber se corria para minha casa, a 200 m dali, para buscar a câmera ou se ficava para ver o engenho. Na dúvida, resolvi permanecer, embora não pudesse fotografá-lo. No dia 03 de fevereiro de 1994, por volta de 20:40 h, estava fazendo um trabalho no computador, no escritório que possuo na praça central da cidade, quando o jovem Bianchi e alguns amigos entraram correndo, chamando por mim. Eles tinham visto um UFO. A princípio, julguei que fosse a Lua encoberta por nuvens, mas percebi que o céu estava limpo e que ela não estava visível àquela hora.

Corri até minha casa, peguei a câmera e de carro segui para o Morro da Cruz. Nesta hora o objeto já estava bem alto, embora tivesse surgido a princípio no horizonte. Era um pequeno círculo esbranquiçado com uma luz no centro. Acima dela, separada, havia algo como uma névoa, com mais de 80 cm de comprimento, como uma cabeleira de cometa invertida. Lentamente, todo o conjunto se movia e subia, a pino, até desaparecer. Fiz algumas fotos. O UFO foi visto em dezenas de cidades mineiras, como



Passa Tempo, Oliveira, Nova Lima, São Francisco de Oliveira, Belo Horizonte, Cambuquira, Varginha, Três Corações, Piracema, Carmópolis de Minas, Morro do Ferro, além de outros Estados, como São Paulo e Rio de Janeiro, demonstrando ter sido um avistamento interestadual.

Em nossas vigílias noturnas sempre procurávamos contatar os UFOs piscando as luzes de motos ou carros. Mas eles sempre desligavam sua iluminação e desapareciam na escuridão. Então, certo dia, pensei em deixar uma mensagem nos locais de incidência. Baseado naquela missiva que foi enviada a bordo da sonda norte-americana Pionner, para o espaço, bolei o seguinte desenho: o Sistema Solar e debaixo do planeta Terra a figura de um homem com a mão direita levantada para cima, e outro sistema planetário, sendo que de um de seus planetas saía uma reta pontilhada em direção a Terra. Assim como também um código binário. Fiz dezenas de placas e as espalhei nos pontos aonde eram vistos UFOs, nos topos de serras. Entretanto, muitos moradores rurais achavam aquelas placas e as traziam para mim, dizendo que os UFOs haviam deixado uma mensagem. Noutras vezes, ao verem os desenhos em minhas placas, alguns até chegaram a dizer que Deus estava pedindo paz aos homens. Explicava então aos moradores qual era a minha intenção. Depois resolvi pintar os desenhos sobre grandes lajes de pedras, nos topos de serras, pois chamariam mais a atenção dos UFOs.

Em agosto de 1981, após o meu trabalho no ginásio, ao passar pela pracinha da cidade, encontrei o jovem Eustáquio Ferreira. Como estava fazendo muito calor, convidei-o para um passeio de motocicleta pela Rodovia MG-270, a fim apreciar os UFOs. Mas não fui com muita fé em ver algo. Não levei nem mesmo câmera fotográfica. Estacionamos a moto no acostamento, a uns três quilômetros da cidade. De repente, avistamos no topo de uma serra, no local chamado Mata, uma luz avermelhada. Conhecedor da região, eu sabia que ali não existiam estradas ou casas, pois era uma grande mata, por sinal pertencente à fazenda de um cunhado meu. Aquilo só poderia ser um UFO. Resolvi então piscar os faróis da moto na sua direção. Piscava três vezes e parava. Mas a luz permanecia imóvel no topo da mata. Insisti por mais de cinco minutos quando de repente o objeto piscou três vezes. Pisquei mais duas vezes e o UFO respondeu na mesma seqüência. Continuei a trocar de seqüência de piscadas e ele respondia na mesma quantidade. Pedi então a Eustáquio que segurasse a moto e a acelerasse. Postei-me em frente a ela, levantando os braços para cima. Nesse

momento, o UFO elevou-se, pairando acima da mata, donde podia-se ver o céu, e cresceu em brilho e tamanho. Senti que poderia haver um contato, mas nesse momento o medo invadiu-nos.

Ali, naquele local deserto, entramos em pânico. Resolvi voltar para a cidade. Pisquei o farol da moto várias vezes na direção do UFO e fiz uma curva, retornado. Fiz isso na intenção de mostrar aos seus tripulantes que toparia um contato. E acredito que eles realmente entenderam. Eram 23:00 h quando chegamos à cidade e deixei Eustáquio em sua casa. Segui para a minha e guardei a moto. Abri a janela do escritório, que dava para a rua, e liguei a televisão. Minutos depois, ouvi um ruído, como se fosse um cachorro pulando de cima de um muro para o solo. Não liguei. No outro dia, encontrei-me com o senhor Perácio Silva, que disse-me: “O José Leão viu um disco voador ontem à noite. Chegou lá em casa apavorado e correndo”. Fui então procurar o jovem. Ele contou-me que por volta de 23:05 h saiu de casa e quando passava pelo Posto Alvorada ouviu um chiado e depois um ruído. Imediatamente surgiu próximo a ele um foco luminoso no solo. Ao olhar para cima, viu que aquilo vinha de um objeto avermelhado, com bordas amareladas, que pairava a 100 m do solo.

A rua estava deserta. Apavorado, Leão correu e se escondeu debaixo de uma marquise do correio. Dali viu o UFO voar na direção oeste, como uma bola de fogo. Logo deduzi que o ruído fora produzido por um UFO, já que minha casa estava próxima ao Posto Alvorada, local do avistamento de José Leão. Entendi com isso que o engenho havia atendido ao meu chamado quando pisquei o farol da moto várias vezes e voltei para cidade. E seguiu a moto às escuras, pairando na região de minha casa. Razão porque iluminou José Leão. No outro dia, coincidentemente, minha esposa avistou uma pequena bola, semelhante a uma nuvem esbranquiçada, voando dentro de casa e sumindo no meu escritório.

Três dias depois do contato na rodovia, eu estava no ginásio onde trabalhava quando uma aluna pediu para que eu liberasse sua turma para jogar pingue-pongue, já que o professor havia faltado. Então solicitei a ela que acendesse a luz do pátio, enquanto ia buscar as raquetes e bolinhas. Ao chegar à porta da secretaria, ouvimos um chiado. A menina, assustada, correu para o meu lado. Olhei para a porta do banheiro masculino e vi um ser pequeno, com cabeça grande e vestido com uma roupa escura, nos observando. Então corri para acender as luzes do pátio. Olhei novamente

para a porta do banheiro e nada mais havia ali. Entrei no banheiro, vasculhei todo o local, mas não havia ninguém. Teria visto um ET? Depois deste contato passei a acreditar que podemos nos comunicar com os seres que nos visitam. Mas é preciso estarmos preparados.

Diante desta possibilidade, tive a idéia de construir um observatório ufológico em 1982, denominado Observatório Ufológico Antonio de Souza Faleiro, em homenagem ao meu pai. Ele foi construído no topo de uma serra, num terreno de minha propriedade, onde até a data atual faço minhas pesquisas e espero um contato de 3° grau. Na década de 90 os avistamentos diminuíram bastante na região de Passa Tempo, embora ainda tenham surgido alguns neste período, como a visão de UFOs de forma iluminada à grande distância. Eu mesmo pude comprová-los, mas apenas de naves voando em alta velocidade, à noite, sob forma luminosa. No mês de agosto de 2001, por exemplo, houve uma onda ufológica na zona rural e pudemos novamente ter um contato de 1° grau. Por volta de 21:00 h, voltávamos para casa quando percebemos uma esfera azulada voando de norte para sul, do tamanho de uma bola de tênis, em grande velocidade. Diante destes fenômenos, continuamos firmes em nossas pesquisas, com o intuito de buscar apenas a verdade, como sempre fizemos.

**Endereço do autor:**

Antonio Pedro da Silva Faleiro,  
Rua Francisco Teodoro 36,  
35537-000 Passa Tempo (MG).  
E-mail: apfaleiro@uol.com.br



---

## Capítulo 1

# UFOs em nosso folclore

*“Nossa tecnologia passou a frente de nosso entendimento, e a nossa inteligência desenvolveu-se mais do que a nossa sabedoria”.*

— **Roger Revelle**

**H**á séculos os ÚFOs estão presentes no território brasileiro, embora sejam sempre vistos como lendas e mitos ígneos de nosso rico folclore. Nossos estudos sobre a relação ÚFOs versus folclore iniciou-se no município de Passa Tempo (MG), onde a incidência deste fenômeno é muito grande. Posteriormente, passamos a estudá-lo em âmbito nacional e concluímos que era o mesmo em qualquer lugar. Na verdade, ele possui muitas versões, a maioria de origem indígena. Tudo isso foi criado na tentativa de explicar um fenômeno desconhecido – as aparições de naves e sondas extraterrestres –, quase sempre à noite e sob formas luminosas, além dos extraterrestres. Na atualidade, em muitas regiões do Brasil esses contatos com ÚFOs já fazem parte da paisagem noturna e do dia-a-dia dos moradores rurais, mas a maioria da população brasileira ainda os trata como fenômenos de origem sobrenatural.

Nosso trabalho é fruto de uma pesquisa sincera, mais de 30 anos de estudos realizados com seriedade. Em nossos frequentes contatos com moradores da zona rural pudemos aprender muito sobre esses engenhos que, ao cair da noite, invadem nosso espaço aéreo. A partir de 1978, lançamo-nos diretamente na caça aos ÚFOs, fazendo vigílias noturnas, onde pudemos vê-los em ação e até fotografá-los. No entanto, apesar de uma pesquisa exaustiva, ainda não conseguimos respostas para muitas perguntas. Porém

tudo nos leva a pensar que a Terra é um planeta laboratório. Dezenas de civilizações que nos visitam estão presentes em nossa evolução desde os primórdios da Humanidade, algumas até nos manipulando. Além dessas, acreditamos que novas civilizações, ao descobrirem nosso planeta, realizam incursões com fins de estudo, outras até exploram nosso mundo e nos usam como cobaias para experiências diversas. Os vários contatos indicam que os seres podem ser agressivos, bondosos e até indiferentes. O enigma é fascinante e envolve toda nossa evolução. Devemos, todavia, retroceder através dos milênios de nossa história, ao passado remoto, para tentar buscar alguns elos perdidos dessa corrente cósmica.

## ■ I.1 A Mãe do Ouro

Pelo Brasil afora existem histórias que nos falam de bolas de fogo, que vagam à noite pelas regiões rurais. Na maioria dos Estados brasileiros essa aparição é denominada Mãe do Ouro. Quando iniciamos nossa caçada aos UFOs na região de Passa Tempo, perguntávamos aos moradores rurais sobre esses engenhos e eles sempre nos davam respostas negativas. Mas insistíamos, questionando-os se existiam fenômenos luminosos na região, e logo eles nos falavam desta entidade folclórica. Contavam-nos que sempre viam uma bola de fogo voando de uma serra a outra e enterrando-se chão adentro. Diziam ser o “ouro mudando de lugar”. Outras vezes, ficava imóvel nos topos de serras e até sobrevoava povoados. Quantas pessoas chegaram a cavar determinados lugares em busca do ouro escondido pela Mãe do Ouro e, algumas, até chegaram a encontrar algo. Os moradores da região nos indicaram os trajetos de vôo e locais por onde a entidade era vista com freqüência. A essa altura já sabíamos que se tratavam de UFOs.

Então passamos a fazer vigílias noturnas nos lugares por onde a Mãe do Ouro era observada com mais freqüência. Assim pudemos apreciar os UFOs em ação na região por dezenas e dezenas de vezes, sob forma de luzes ou bolas de fogo. E realmente os moradores rurais estavam corretos: existiam lugares especiais, onde a incidência era maior. Buscamos informações em livros sobre o folclore brasileiro, e ali pudemos notar que a Mãe do Ouro estava presente em todo o país, mas em outras versões. Muitos nomes e histórias foram criados, mas tudo seguia o mesmo padrão do fenômeno visto na região de Passa Tempo. Fomos então nos apro-

fundando no estudo do folclore. Pudemos descobrir, por exemplo, que os UFOs faziam parte da vida dos indígenas, antes mesmo da chegada dos portugueses. E tudo isso estava à nossa vista, se pesquisássemos o folclore sob o ponto de vista ufológico. Vejamos alguns textos escritos por famosos folcloristas brasileiros:

*“A apresentação não varia; uma bola de fogo, com trovão ou sem ele, levanta-se de uma grotta, marca violentamente sua passagem no céu noturno e mergulha em cerro ou laguna, sítio seguro, onde dorme um tesouro”. Assim define muito bem a lenda o pesquisador Hernani Donato, em Dicionário das Mitologias Americanas (1973).*

A expressão “bola de fogo” é ainda utilizada pelos moradores rurais na atualidade para designar os avistamentos de UFOs. Spix e Martius, em *Viagem pelo Brasil* (1976), os descrevem sobre montanhas roncadoras, na vizinhança de Bendegó e Monte Santo. Maria Graham, em *Diário de uma Viagem pelo Brasil* (1821), fala sobre estrondos no Morro da Conceição, onde foi achado cobre puro. Na realidade, sempre são ouvidos estrondos quando os UFOs acionam seus sistemas de propulsão e comumente são vistos em locais aonde existem minérios. J. Simões Lopes, em *Lendas do Sul* (1913), nos dá uma descrição interessante da Mãe do Ouro:

*“Às vezes rebenta um cerro destes com grande estrondo. Se é de noite, no fogo que vê sair, vai a cuidadeira de mudança para outro. Se é de dia, é sempre no pino do meio-dia, e na luz do Sol que encandeia os olhos. Apenas sente o rumo que ela toma, só o rumo, mas não o lugar novo que ela vai fazer a sua morada nova”.*

O trecho nos mostra o vôo de um UFO, às vezes com ruído e emitindo fogo. Os observadores desavisados crêem que é o ouro que está mudando de lugar. Quanto ao estrondo, seria o barulho de sua propulsão, ao ser acionada, como também o fogo saindo em jatos, emanados dela. Cornélio Pires, em *Conversas ao Pé do Fogo* (1927), nos dá uma descrição da Mãe do Ouro na linguagem do caboclo: “Num vai muito tempo passa no céu, ali por riba do chapadão, uma Mãe do Ouro. Um bólido. Era isso... Uma bola de fogo que foi rebentar pros quintos...”

Mary Apocalipse, em *Lendas e Encantamentos do Sertão* (1936) escreveu: “Os moradores do povoado viram muitas vezes; ao soar da meia-noite, uma bola de fogo a subir e a descer pelo rio, sem parar um só instante”. Realmente os contatos com os UFOs, na zona rural, acontecem tal nos descrevem os folcloristas. Eles são vistos vagando em formas luminosas em leitos de rios, serras, pedreiras, matas etc. Anízio de Melo, em *Antologia do Folclore Brasileiro*, nos mostra outros detalhes da Mãe do Ouro: “Numa das tantas viu uma bola de fogo, que depois de girar como doida, foi acalmar num lançante da montanha, produzindo fagulhas danadas e luminosas. Uma lindeza!”

Tal afirmação nos mostra um UFO real, que depois de vagar por uma determinada região, faz um pouso numa montanha, produzindo fagulhas. Fatos como o citado são comuns na zona rural brasileira. Câmara Cascudo nos retrata a Mãe do Ouro da seguinte maneira:

*“‘Ubi est ignis este aurum’, diziam os antigos romanos. Onde há ouro há fogo. A égide das minas, madrinha dos veeiros, padroeira dos filões, defendendo pepitas e escondendo jazidas, só podia ter a forma de uma chama, lume que denunciava o metal rutilante e há um tempo o custodiava. Seria inicialmente apenas um clarão seguido pelos trovões; o relâmpago dizia a direção da Mãe do Ouro e, os trovões, sua cólera”.*

Essa é a versão predominante do fenômeno da Mãe do Ouro, para justificar a sua presença em determinados locais. Vejamos como o padre e sertanista Carlos Teschauer, em *A Lenda do Ouro* (1911), nos descreve a lenda em outros lugares:

*“A Mãe do Ouro, que informa os metais subterrâneos, às vezes abandona um cerro para mudar-se para outro. Muitas vezes, vizinhos do cerro do Jaraú observaram como saiu deste e dirigiu-se até os três cerros de La Cruz, em Corrientes. A Mãe do Ouro, há uns cinqüenta anos, escreveu Granado: ‘ar-rebentou com grande estrépito um pequeno cerro dos muitos que contém o ondulado terreno do Uruguai’. Qual teria sido a causa deste fenômeno? A Mãe do Ouro que se foi para o*



*Brasil, em cuja direção iam os lampejos, que despedia e dava o estampido. Quando o tempo se decompõe ou a meio-dia, nos dias de muito calor é a ocasião em que se realizam os mencionados fenômenos”.*

O texto acima nos mostra que a entidade se faz presente em outros países da América do Sul, sendo conhecida no Uruguai, Paraguai e Argentina, onde recebe o nome de Coquena ou Farol, ou seja, uma luz que conduz rebanhos de ouro e prata, podendo desaparecer misteriosamente. Em alguns países da América Central ela é conhecida como La Chorona. Em determinados Estados brasileiros, por sua vez, dizem que o mesmo fenômeno é conhecido como uma mulher loura, que mora num palácio encantado, onde orgias intensas são realizadas para outras mulheres. Cornélio Pires escreveu que “... os caboclos se reuniam e ficavam sempre vigilantes num grotão da cascata na serra de Botucatu, para vigiarem a Mãe do Ouro”. Hernani Donato a compara ao Zaoris e no Paraná ela é uma mulher sem cabeça, que tem como missão vigiar o ouro oculto nas montanhas. No Rio Grande do Sul, Simões Lopes Neto escreveu: “É a alma, o espírito que restou de certa gente num tempo muito antigo e foi por castigo do céu, endureceu de repente e, caída, ficou onde estava...”

Donato ainda diz: “O que é hoje serra de pedra já foi gente. Os ossos são pedra, a carne já virou terra, os cabelos são matos, sangue são as pequenas vertentes; as veias resultaram em ferro, mas os nervos, por serem a parte mais delicada do corpo, tornaram-se ouro e são os veeiros que se entram por aí abaixo... A Mãe do Ouro, que escapou ao castigo coletivo, defende contra homens cobiçosos os nervos dos castigados, a fim de que, no dia do juízo, cada ressuscitado encontre íntegros os seus nervos”. Em Minas Gerais, na região percorrida pelo Rio São Francisco, ela é chamada de Zelação e pode ter seu encanto quebrado e seu segredo revelado por um mortal afortunado que a encontre e, rápido quanto corajosamente, dê um talho feito no próprio dedo, deixando cair algumas gotas de sangue sobre a Mãe do Ouro. Noutros locais é necessário cuspir na mão para pegá-la. E daí se conseguirá todos os tesouros que são guardados por ela.

Uma senhora contou-nos que há 70 anos viu a Mãe do Ouro voando sobre uma serra, sem ruído algum. Minha bisavó também relatou que a viu sobre a Serra dos Pereiras, ao anoitecer, clareando todo o local por

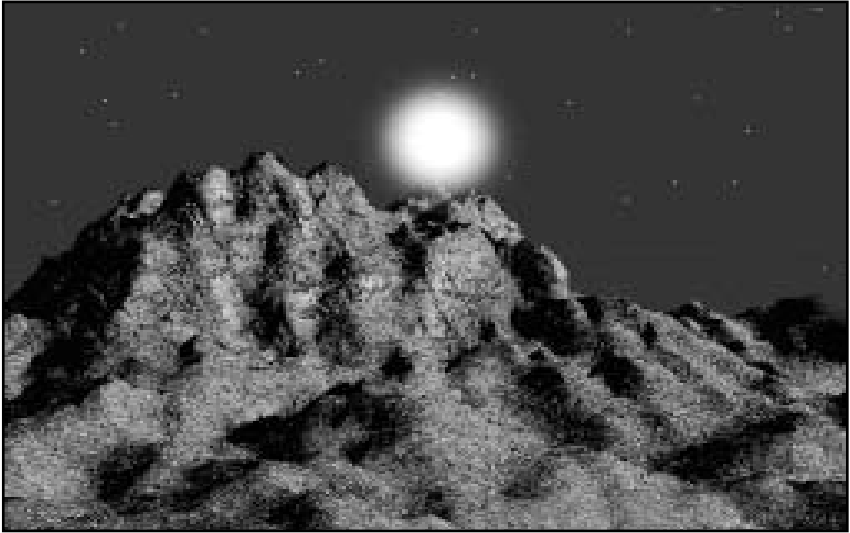
onde voava, isso há mais de 90 anos. E foi um corre-corre, das outras moças que estavam junto dela, que se esconderam debaixo da cama. Há uma interessante tradição baseada no temor das reações da Mãe do Ouro e, segundo os mais velhos, não se deve apontar o dedo na sua direção e, sim, fazer um movimento com a mão, dizendo: “Vai, Deus te guie”. Alguns dizem que quando se consegue pegá-la, deve se manter as mãos fechadas, até que possa batizá-la, caso contrário ela fugirá.

O senhor F. C., já muito idoso, contou, anos atrás, que teve um encontro com a Mãe do Ouro em 1947. Ele ia pela zona rural, à noite, quando de repente caiu à sua frente uma bola iluminada. Tinha o tamanho de uma bola de futebol e emitia uma luminosidade azulada. Saíam dela dois fochos de luz amarelada para os lados. Ao ver aquilo, pulou sobre ela, tentando agarrá-la, mas a bola fugiu ao contato de suas mãos, e ele também não sentiu calor algum. Fez diversas tentativas e não conseguiu pegá-la. Porém, em dado momento, a bola alçou vôo e atravessou um vale, deixando-o perplexo e ao mesmo tempo chateado, pois poderia estar rico hoje com a história.

Em Minas Gerais, na época do ciclo do ouro, criaram-se muitas histórias para as aparições da Mãe do Ouro. Conta-se que os escravos enterravam tesouros a mando de seus patrões e a seguir eram mortos. Junto com eles seus corpos eram enterrados, para que não revelassem o local. Daí as luzes que surgem nesses lugares são as almas dos escravos que vêm mostrar os tesouros enterrados. Em outros Estados também existem histórias semelhantes, como na Chapada dos Negros (GO), onde constantemente são vistas luzes vagando pelas serras. Algumas vezes a Mãe do Ouro é descrita como moradora de rios, ligada a lendas aquáticas. Isso, cremos, se deve à ocasião em que os UFOs são vistos mergulhando ou emergindo de mananciais. Dessa maneira, a Mãe do Ouro é tratada como Mãe d'Água, como a retrata Veiga Miranda, em seu livro *Mau Olhado* (1925):

*“Lá embaixo, muito longe, onde as águas varavam por um subterrâneo, morava a Mãe do Ouro. Às vezes saía pelas bandas com um longo cortejo de luzes, de todas as cores, atravessando o ar serenamente, como se fosse um desses papagaios de papel que as crianças soltam ao vento de agosto. De sua cabeleira de estrelas iam caindo todas, uma a uma, apagando-se e virando pedras”.*

Cortesia do Autor



**No Brasil existem histórias que nos falam de bolas de fogo que vagam à noite pelas áreas rurais, entre regiões montanhosas ou próximas a mananciais. Na maioria dos estados brasileiros essa aparição é denominada Mãe do Ouro, como acima**

Em 18 de novembro de 1986, eu e dezenas de pessoas em Passa Tempo e em outros municípios vizinhos, como também em Brasília (DF) e Castelo (ES), presenciamos a aparição sensacional de um UFO, tal qual nos descrevem os folcloristas. Eram cerca de 21:34 h quando vimos um objeto em forma de uma esfera de fogo, vindo do noroeste. Ele tinha o tamanho de uma bola de futebol e uma cauda flamejante, de onde caíam fagulhas que desapareciam antes de tombar ao solo. Em 1957, também tive um contato semelhante. Foi a primeira vez que vi um UFO, juntamente com meu pai. Era uma bola de fogo que cruzou a cidade, atrás da igreja matriz e a baixa altura do solo, também deixando cair fagulhas na direção dele, indo diretamente para uma serra próxima.

Poderíamos transcrever dezenas e dezenas de trechos de folcloristas famosos sobre a Mãe do Ouro. Em todos eles vemos uma bola de fogo, uma luz, com trovão ou sem ele, que voa de um lugar ao outro e se apaga, enterrando-se chão adentro. São narrativas que nos mostram um UFO em pesquisas noturnas e que desliga sua iluminação quando faz um pouso, aparentando desaparecer serra adentro. No entanto, é muito mais fácil um morador rural crer que uma

grande pedra de ouro pode voar, de um lugar a outro, e enterrar-se serra adentro, do que acreditar numa nave oriunda de outros planetas. Pois ainda existem pessoas que não acreditam que o homem foi à Lua!

## ■ 1.2 Mbai-Tatá

Semelhante à Mãe do Ouro, outros fenômenos aconteceram por todo o país e daí versões e mais versões surgiram, sob os mais pitorescos nomes. Muitas delas remontam à época anterior ao descobrimento do Brasil e foram criadas pelos índios. Uma das primeiras denominações que os UFOs tiveram em território brasileiro foi a Mbai-Tatá ou Baetatá, que quer dizer “coisa de fogo”. O jesuíta José de Anchieta documentou muito bem esse fenômeno quando escreveu uma carta a Portugal, em 31 de maio de 1560, falando sobre o Mbai-Tatá, que segundo os índios era um “facho cintilante” que os perseguia. Na carta de São Vicente, datada do período acima, Anchieta registrou:

*“Há também outros (fantasmas), máxime nas praias, que vivem a maior parte do tempo junto ao mar e aos rios e são chamados de ‘Baetatá’, quer dizer ‘coisa de fogo’, o que é mesmo como se dissesse ‘o que é todo fogo’. Mas não se vê outra coisa senão um facho cintilante correndo para ali; acomete rapidamente os índios e os mata como curupiras; o que seja isto não se sabe com certeza”.<sup>1</sup>*

O texto nos mostra um “fogo vivo” que se deslocava e perseguia os índios, o que ainda acontece na atualidade com os moradores das zonas rurais, levando-nos diretamente a um UFO. Pois somente um engenho dirigido por uma inteligência poderia fazer uma perseguição a uma pessoa. Muitos outros nomes foram criados pelos indígenas brasileiros para designar tais naves, tais como Tatá-Manha (Mãe do Fogo) ou Sacu-Manha (Mãe do Quente), o que atesta a antiguidade do fenômeno no Brasil. Através dos séculos e com a chegada dos portugueses, novos nomes e versões surgiram para explicar as aparições noturnas de UFOs, originados do antigo Mbai-Tatá.

---

1 **Joseph de Anchieta** em Carta de São Vicente. Volume III das Cartas Jesuíticas, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1933, Página 128.

### ■ 1.3 Mboitatá-Boitatá

Mboitatá-Boitatá significa “cobra de fogo” e está presente em todo o território nacional. Na realidade, trata-se do avistamento de uma luz vagando à noite. Em algumas regiões, diz-se que é a alma de alguém que vaga purgando seus pecados; noutras, um touro, cobra ou ave de fogo. O folclorista Apolinário Porto Alegre, no seu Populário Riograndense, mostra o Boitatá como um touro negro, olhos de fogo, cauda de macaco e patas de tigre, visto em forma de um fogo azulado que persegue os andantes. Na obra Assuntos do Rio Grande do Sul, de João Cezimbra Jacques, o Boitatá é visto como um “fogo volante”, em forma de cobra ou pássaro, que voa na frente dos cavaleiros, impedindo-lhes a marcha. E diz mais:

*“É crença entre a gente do campo que o Boitatá se deixa atrair pelo ferro. E o meio de se livrar de seu ataque consiste em desatar o laço dos tentos e arrastá-lo pela presilha, previamente presa à argola da chincha. Assim ele será atraído pelo ferro da argola do laço, deixando em paz o andante, seguindo-o atrás e na altura do extremo do laço até amanhecer o dia, em que o abandona, deixando-o ir em paz”.*

Aires da Mata Machado, em Dicionário Didático e Popular da Língua Portuguesa (1984), diz o seguinte: “Boitatá. Nome popular do fogo-fátuo, gênio que protege os campos contra os que o incendiam; cobra de fogo; touro fabuloso que bota fogo pela venta e queima tudo. Também se diz Baitatá e Batiatá”. Quando se fala em gênio que protege os campos contra os que os incendiam, logo nos vem à mente a quantidade de contatos de 1º grau que ocorrem durante as queimadas. Já coletei dezenas deles na zona rural, que falam de avistamentos de UFOs, no momento em que são realizadas essas queimadas, na preparação de terrenos para plantio e também nas caieiras de tijolos, quando são incinerados.

Os objetos são atraídos pelos clarões delas e comumente são vistos naqueles locais, conforme já pesquisamos. Em outras regiões o Boitatá é conhecido como Batatal, Biatatá, Butatão, Bitatá, Baetatá etc. Mas o fenômeno é sempre o mesmo, um aparente fogo, uma luz inteligente que persegue as pessoas, na verdade um UFO iluminado. Quanto ao

nome Boitatá, tudo nos leva a crer na visão de um voador à velocidade média e com movimentos ondulantes e oscilatórios, expelindo jatos de fogo de sua propulsão, o que daria ao observador a impressão de estar vendo uma “cobra de fogo”.

#### ■ **I.4 Quer-Que-É**

O Boitatá também é conhecido como Quer-Que-É. E, segundo Crispim Mira, em Terras Catarinenses, ele é visto como um touro com patas como as dos gigantes e um enorme olho no meio da testa, a brilhar que nem um tição de fogo. A descrição nos leva diretamente a um UFO pousado, com seu trem de aterrissagem baixado, em forma de hastes e um holofote à frente. Se o leitor não se convenceu, raciocinemos como um homem há 100 anos veria um simples Volkswagen, com seus faróis acesos e à noite. Ele diria que vira um besouro gigante com olhos de fogo. Um UFO observado no passado só poderia ser comparado a algo que o observador conhecia, mais especialmente com o que ele convivia. E daí surgia a tentativa de explicar aquilo que via e o comparava com animais ou monstros de fogo, pelo fato de estar iluminado. Como ponto de referência tomava-se algo que mais se aproximasse do que avistaram. E como o ambiente dos índios era a floresta, os UFOs eram comparados a animais, aves ou répteis.

#### ■ **I.5 Mula-sem-Cabeça**

É uma lenda popular que abrange uma área muito grande do território brasileiro. É conhecida em determinadas regiões como Cavalo-sem-Cabeça e, segundo a versão predominante, trata-se de uma concubina de padre que tem de purgar os seus pecados, vagando à noite. Ela surge em forma de uma mula sem a cabeça, soltando fogo pela garganta. Este mito é bem antigo, pois os pesquisadores Spix e Martius, em sua já citada obra Viagem pelo Brasil, ouviram pessoalmente dos índios várias histórias sobre o Cavalo sem Cabeça. Nossa experiência pessoal nos leva a crer que se trate da visão de um UFO pousado, com suportes de aterrissagem, corpo em forma de fuso, afinando-se na cauda e com um holofote aceso na frente. Daí o observador teria a impressão de ver um animal, sem cabeça, soltando fogo pela garganta. Mas esta lenda rasga fronteiras. Na Argentina, por exemplo,

se fala no Pira'Nu, um peixe negro, com cabeça de cavalo e grandes olhos. No Chile, por sua vez, comenta-se no Cavalo-do-Mar, um ser mitológico que ilumina as estradas com seu potente fecho luminoso que, segundo dizem, tem sua chama alimentada pela queima de óleo humano, pois, como se pode observar pelos casos, a luz provém de uma espécie de lanterna.

No Panamá temos o Tulivieja, um ser animalesco que aparece com focos de luz. Em muitos outros países podemos encontrar dezenas de observações noturnas de UFOs, interpretadas como animais e monstros medonhos. É impressionante os casos de lendas originadas de fenômenos semelhantes ou idênticos que se espalham por países distanciados entre si, cada qual desenvolvendo-as mitologicamente de acordo com a sua cultura, com a época da manifestação ou da observação do fato e, ainda, de acordo com a religiosidade presente. No Peru, temos o Amaro, um ser descomunal e disforme. Tal criatura passa a ter o nome de Capiango nos países do Prata, um aterrorizante animal. Já o Ahó-Ahó é um ser peludo e gigante que persegue as pessoas no Paraguai. Se fizermos uma pesquisa folclórica completa em outros países teremos centenas de lendas e mitos que nos falarão de animais noturnos, luminosos ou não, desconhecidos e fantásticos, que na verdade são UFOs observados por pessoas sem conhecimento do assunto e sob condições inusitadas.